
O ESTRANHO EM CONTOS DE ANTÔNIO CARLOS VIANA

Gisélia Mendes da Silva (UFS)¹

RESUMO

Este trabalho propõe-se a estudar as representações do estranho em dois textos do contista sergipano Antônio Carlos Viana. O estranho que será estudado em sua obra pode ser definido como irreverente, anormal, incomum, diferente, antinormalizador, subversivo; ou seja, aquele que consegue desestabilizar uma preconceituosa herança binária. O caráter excêntrico do estranho elabora um discurso voltado para a desintegração e intolerância. Parto dessa linha de abordagem por entender a literatura como um lugar de resistência, de revisão de valores, além de espaço de excelência da arquitetura textual. O universo literário amplifica a voz dos sujeitos historicamente silenciados. Assim, valendo-me de princípios teóricos de Homi Bhabha, Boaventura Santos e Stuart Hall, articulo conceitos de identidades de fronteira para descobrir de que maneira os estranhos se movimentam nas narrativas selecionadas. Além disso, pretendo mostrar de que forma o estético e o cultural tornam possível a ressignificação do sujeito social.

Palavras-chave: literatura; Viana; estranhos.

1- INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está organizada, basicamente, em três momentos: No primeiro, apresentamos conceitos relacionados à identidade cultural, estudos de gênero, sexualidade, algumas considerações sobre o estranho e noções acerca da estética literária. No segundo momento, sugerimos uma releitura para dois contos de Antônio Carlos Viana: “Meu tio tão só” (MT) e “Jardins suspensos” (JS). Utilizaremos como suporte discursivo não só os próprios textos literários e os seus eixos constitutivos: metáfora, metonímia, paródia, recursos rítmicos, como também, as construções culturais que ampliam a possibilidade de ressignificação da literatura que se fortalece cada vez que se permite dialogar com outras práticas e expressões sócio-culturais. As narrativas em evidência trabalham com representações humanas que se

¹Mestranda em Letras da UFS. Membro do GELIC/UFS/CNPq. E-mail: bielluc@uol.com.br

distanciam das normas pré-estabelecidas. O diferente, o indecifrável desfilam por esse palco artístico onde o intraduzível, o anormal, o inaceitável, o subversivo é resgatado e trazido a público para, parodicamente, incomodar uma sociedade que traz na sua face a máscara do pseudo respeito ao ser humano. Os textos selecionados são fortes denunciadores de uma sociedade que não valoriza as diferenças, as opções, o direito de escolha e prefere viver a hipocrisia social, privando-se de desfrutar das nuances vivenciais.

2- CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Pensar qualquer questão social sem estar consciente das constantes mudanças ocorridas é mergulhar num labirinto da inanição cultural, é desconhecer, por exemplo, os novos desafios apontados pela sociedade pós-moderna nas variadas dimensões sociais, dentre elas, o campo da arte: “A obra de arte pós-moderna típica é arbitrária, eclética, híbrida, descentralizada, fluida e descontínua.” (EAGLETON, 2005, p. 352). Qualquer tomada de decisão necessita estar dialogando com essa verdade. Hoje não é possível ter um olhar unilateral para conseguir vislumbrar o horizonte do conhecimento que está em constante evolução, faz-se necessário “ir além do olhar crítico horizontal” (BHABHA, 2007, p. 201).

A estabilidade, que antes acompanhava os conhecimentos e os atores sociais, cedeu espaço para as dúvidas, indecisões e hesitações. Um maior número de alternativas de comunicação estende o acesso ao conhecimento e contribui para o engrandecimento da nossa visão de mundo. Não estamos nos referindo a um mero acúmulo de informações. As idéias precisam ser multiplicadas, dialogadas, proliferadas.

No contexto pós-moderno, o estudo do corpo pode ser entendido como uma excelente estratégia de conhecimento das práticas sociais vigentes monitoradas por um

sistema institucional, já que os corpos, sejam dinâmicos ou imobilizados, não são analisados fora de um contexto relacional. Segundo Michel Foucault, em qualquer sociedade, o corpo possui uma operação muitas vezes camuflada e presa a concepções que limitam e levam a uma obrigatoriedade disciplinadora. Ocorre certo controle no interior dos corpos que impulsiona o indivíduo a agir de uma maneira limitada, cheia de obrigações que constroem no indivíduo certa dependência e servidão. “Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.” (FOUCAULT, 2002, p. 118).

O estudo do corpo coloca-nos diante de situações inquietantes, desafiadoras, já que, segundo Guacira Louro, “Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2007, p. 14). Essa carga de significação é passível de vários ajustes e transformação e sugere algumas indagações conforme podemos observar nos questionamentos a seguir propostos: “Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma ‘marca’ definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência.” (LOURO, 2007, p. 14).

A preocupação que, por ventura, possa ser atribuída ao complexo universo corporal, não contempla o corpo estranho que, normalmente, é desvalorizado, menosprezado, e não possui “simpatizantes”. O estranho desconstrói qualquer possibilidade de estabilidade por não estar preso a regras previamente estabelecidas.

De acordo com Linda Nicholson, “A identidade sexual tem de ser pensada como enraizada historicamente”. (NICHOLSON, 2000, p. 15) e Guacira Louro acentua: “Precisamos nos dar conta de que os corpos vêm sendo ‘lidos’ ou compreendidos de formas distintas em diferentes culturas, de que o modo como a distinção masculino/feminino vem sendo entendida diverge e modifica histórica e culturalmente. (LOURO, 2008a, p. 76).

É indispensável ressaltar que o estudo do corpo estranho possibilita que mais aberturas sejam dadas para que as identidades tradicionais como as de gênero, para as quais Carlos Magno Gomes traz reflexões adicionais:

Esse sujeito da diferença questiona os papéis que o sistema lhe impõe através de uma ambiguidade sexual que desmistifica as fronteiras entre o feminino e o masculino. (GOMES, 2006, p. 23)

Segundo Zygmunt Bauman o fato de o deslocamento encaminhar para nenhum lugar termina apontando uma situação de desconforto, conforme podemos observar a seguir:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (BAUMAN, 2005, p. 19).

É importante reconhecermos que o normatizado não responde mais as nossas necessidades existenciais. “É vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites da raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles, numa espécie de solidariedade.” (Bhabha, p. 238). Acreditamos ser no espaço artístico literário que o diferente, o comportamento averso às convenções sociais ganhe contornos amplos e significativos. O contista sergipano Antônio Carlos Viana é um especialista em estabelecer um diálogo constante com tipos que desafiam as normas firmadas em sociedade. O comportamento dos personagens dos contos “Jardins suspensos” (o homem do banquinho) e “Meu tio tão só” (tio

Bau) comprovam esse caráter agudo da escrita de Viana e que magistralmente dinamiza o fazer literário que não se limita, unicamente, a desfrutar dos seus próprios valores. Conforme Regina Dalcastagnè, o discurso literário é “um meio expressivo que é tão contaminado ideologicamente quanto qualquer outro, pelo simples fato de ser construído, avaliado e legitimado em meio a disputas por reconhecimento e poder.” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 7)

O texto literário é um discurso particular que exige uma leitura baseada em conceitos e valores específicos, mas isso não invalida o fato de ela estar imbricada a outros discursos como é o caso do discurso histórico. Literatura e História sempre caminharam juntas. Talvez essa constatação se deva ao fato de que, “apesar do desenvolvimento e especialização milenares, história e literatura possuem características comuns que denotam a referencia a uma essência comum” (MAESTRI, 2002, p. 40). Essa parceria não tira da literatura e nem da história o mérito de possuírem formas expressivas bem particulares. A literatura e a história têm na sua origem uma relação de ampla intimidade. Dialogam em planos embora distintos, mas que costumam interagir de maneira significativa. As palavras de Luís Costa Lima são elucidativas.

História e literatura são atividades distintas e autônomas, costuma-se, por um lado, acentuar o compromisso do historiador com a verdade factual e, por outro, a proximidade que uma escrita da história de qualidade teria com a escrita literária (LIMA, 1997, p. 214)

Maestri complementa o esclarecimento: “Ambas registram, expressam e explicam experiências humanas, cada uma na sua linguagem e com seu programa.” (MAESTRI, 2002, p. 40). Entendemos como relevante também se pensar na narrativa de ficção em prosa como uma

fonte documental essencial, já que expressa, poderosamente, os cenários; a linguagem; os personagens dominantes; as concepções e visões de mundo;

as preocupações e preconceitos sociais; etc. da época em que foi produzida (MAESTRI, 2002, p. 41).

É de fundamental importância encontrar um equilíbrio entre o estético e o cultural para que possamos colher, significativamente, os frutos que essa parceria venha a produzir. Imaginamos possível essa fusão e, por isso, estudaremos como está sendo articulado esse processo relacional na obra de Antônio Carlos Viana. Partindo destas reflexões, iniciaremos o estudo investigativo dos significantes estéticos e culturais do estranho nos textos do escritor selecionado. O segundo momento desse artigo apresentará uma proposta de leitura para dois contos de Antônio Carlos Viana, conforme é possível observar na sequência.

3- OS ESTRANHOS EM VIANA

E vi minha vida toda contrair-se num inseto
Carlos Drummond

Sergipano nascido em Aracaju, Antônio Carlos Viana possui uma prosa requintada, habilidosa e destemida. A sua excelência discursiva deve-se ao fato, sobretudo, de ele atingir um alto nível de sofisticação com simplicidade e elegância formais. Mestre da narrativa curta, Viana cuida da sua obra como um ourives que lapida até encontrar a forma perfeita, que burila até atingir o brilho mais reluzente. A temática desenvolvida por ele é um convite expresso a distanciar-se dos rígidos padrões sociais, conforme pode ser atestado no estudo que será feito dos contos “Meu tio tão só” (MT) e “Jardins suspensos (JS).

Bau, personagem do conto MT, decide se enforcar e essa atitude pode ser lida como uma forma de fugir do seu destino, de dar um basta às imposições sociais. O homem do

banquinho, personagem do conto JS, escolhe o lar como refúgio e, em meio ao arsenal de dúvidas, sugere um redirecionamento para o conceito de masculino/feminino.

A irreverência na linguagem dos personagens de Viana é uma marca incontestável do estilo do contista sergipano cujos personagens não vacilam ao elaborar um discurso transgressor e sem amarras. As fronteiras construídas nessas narrativas são elaboradas em meio a conflitos interiores, situações mal resolvidas; os sujeitos são testados e trazem à discussão a necessidade de desconstruir o patético que se infiltra em nossas vidas como verdades absolutas. Essa fronteira é vivenciada por tio Bau e o desfecho como produto de uma severa e desgastante disciplina hegemônica culmina com um trágico enforcamento. Nando, sobrinho de Bau, parece seguir a mesma trajetória do tio. Como o fragmento a seguir sugere “Era mesmo uma galha muito forte, capaz de agüentar um outro corpo que não fosse ainda tão pesado como o dele” (MT, p. 28). Os estranhos apresentados por Viana são sujeitos irreverentes que, mesmo silenciando as suas ações, disparam críticas arrebatadoras e permitem que interpretações possam ser elaboradas. Nas palavras de Linda Hutcheon:

O estranho, o sujeito da diferença, questiona conceitos do humanismo liberal como verdade, identidade, certeza, centro e homogeneidade, por meio de um discurso pós-moderno que privilegia a diferença como um referencial de interpretação. (HUTCHEON, 1991, p. 84)

Em “Meu tio tão só”, a problemática por que passam as pessoas que se veem banidas da sociedade possui uma presença marcante nessa narrativa que resgata com lucidez os cochichos maldosos da vizinhança “Mas a língua do povo ninguém segura e todo mundo falava que tio Bau tinha mania de chamar menino pra dentro de casa e depois...” (MT, p. 27) e os deboches dos meninos da rua ajudam a proporcionar o deslocamento e a insatisfação diante do olhar da população “Quando a gente passava, os meninos gritavam coisas e se escondiam

na mesma hora” (MT, p. 28). Os comportamentos que não se adaptam ao coletivo, ao padrão, são considerados fora das normas sociais. Eis aí a razão de aproximar-se das próprias identificações: “Quando o do alto cortou a corda, foi um baque só. Foi como tio Bau caísse dentro de mim” (MT, p. 27). A construção da frase já facilita a nossa leitura do fato. Dois momentos que antecedem esse acontecimento são cruciais e definidores: o corte e o baque. Tais elementos fermentam a queda e a tornam muito mais enfática e incisiva como se propõem os contos de Viana.

Outras tomadas compõem o quadro de insatisfação e deslocamento dos personagens: o momento do enforcamento, do enterro e a relação que o personagem Bau mantinha com as outras pessoas. O clima que conduz essa narrativa é de total desrespeito e isso garante a inaceitação de Bau diante do ambiente ao qual ele se encontra associado. O enforcamento representou a liberdade, o desgarrar-se do ambiente que oprime e sufoca: “Quem arriou o corpo dele foi um grupo de homens. Um subiu no cajueiro, os outros dizendo ‘cuidado pra não quebrar a cara’, ‘vai ser a primeira vez que ele vai cair por cima’, como se o morto fosse um cachorro sem dono.” (p. 27). Foi dessa condição angustiante e humilhante que Bau, através do enforcamento, tentou fugir. Esse modelo de desrespeito pode ser observado também durante o enterro: “O enterro foi muito animado, o povo falando coisas cabeludas, agora sem mais nenhuma cerimônia. Tiravam graça com tudo o que era menino, perguntando qual deles era o verdadeiro viúvo” (p. 28). O estranho segundo Guacira Louro é aquele que não se rende às determinações sociais, que leva à discussão estruturas tradicionalmente vistas como inabaláveis. Em jogo nessa discussão encontra-se a fronteira de gênero já que as atitudes de Bau desconstroem aquilo que foi estabelecido como padrão do comportamento masculino.

O narrador que acompanha essa trama é implacável: ele focaliza cada movimento dos personagens sem pestanejar. Quando direcionamos o nosso olhar para “**Jardins Suspensos**”, somos invadidos por um festival de criatividade e irreverência com fortes pinceladas de ironia. O cenário que marca esta narrativa é inusitado. O diferente é descrito em tomadas rápidas, como cenas cinematográficas. A presença inusitada do hóspede e o seu comportamento reverenciam a importância de respeitar as diferenças. Os fragmentos seguintes comprovam isso:

E em mim vinha uma curiosidade intensa que crescia a cada, tentando descobrir que tipo de roupa ele usava por baixo porque nunca tinha visto nada tarde parecido com cueca na corda de estender. (JS, p.29)

Eu olhava para ele meio de banda, querendo descobrir algum segredo e via uns poucos fios de barba continuando a costeleta longa, que ele raspava com uma gilete meio embrulhada... Se a gente o pegava fazendo isso, disfarçava como que envergonhado. (JS, p.31)

Interessante observar que os elementos que conduzem a narrativa são bem simples, corriqueiros e conseguem denotar uma imperativa denúncia social. Aqui o conceito de masculino e feminino vai ganhando nuances renovadas e desbravando novas possibilidades. Associado a esse fato, acompanhamos outras cenas que conduzem essa emblemática narrativa e a inscreve, indubitavelmente, com um alto valor social.

Sentado num banquinho ele deixa a vida passar diante dos olhos como numa tela de cinema. Uma frase aparentemente banal interrompe essa imagem que vai sendo projetada: “vai, vai lavar essa xoxotinha” (JS, p. 29). Os desencontros e evidente desconforto diante da situação que está sendo experimentada se dão também com as rápidas saídas para o dentista. “Ele só saía mesmo de casa quando lhe doíam os dentes e voltava com o lenço na boca, onde se viam largas manchas vermelhas” (JS, p. 31)

Há todo um encadeamento de ações. O menino que não se contém mais dentro de casa e quer partir para o mundo. “Apesar das recomendações, eu não me continha mais dentro de casa”. (JS, p. 32). O suposto hóspede que não se contém dentro de si mesmo e quer mostrar-se para o mundo: “Quer ver dentro de mim? E levantou a bata. Não usava nada mesmo por baixo.” (JS, p. 32). Com isso fica a sugestão do vôo, da liberdade, do intransponível, do indecifrável. Observamos que a relação que o personagem manifesta consigo mesmo e com o outro é dotada da incapacidade de integrar-se com o espaço demarcado para viver. Há um sufocamento e uma natural impossibilidade de satisfazer-se dentro de um espaço elaborado para ser vivenciado, daí a explosão: “Com um riso estranho nos olhos, sentado no banquinho de plástico azul, abriu bem as pernas e de dentro delas brotou uma rosa sangrenta capaz de mudar o destino de qualquer abelha.” (JS, p. 32).

Os estranhos construídos nas narrativas de Viana são desafiadores e deixam transparecer uma denúncia social acirrada às perseguições sofridas pelas pessoas que não atendem às imposições ditadas por uma sociedade hegemônica e normatizadora. Impõe-se em seus textos uma voz destemida, sempre atenta como um farol, sempre em alerta no mar das constantes incertezas, das angústias da vida.

Os personagens anunciados pelo contista sergipano, cuja impiedade é marca incontestável, elevam a possibilidade de divulgação da problematização do corpo como ponto de referência para novas discussões.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou conceitos relacionados à identidade cultural e aos estudos de gênero e mostrou, através da condução artística dos personagens dos contos em estudo o

quanto é importante levar para o espaço de debates temas que dinamizem antigos valores, visto que eles não são estáveis. Essa abertura da literatura atual para o diferente, para o estranho é uma forma de denunciar a agressão por que passam “aqueles que a sociedade brasileira não quer ver” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 8)

Os estranhos em Viana estão nos interstícios do discurso e invadem o universo do público leitor de forma autêntica e destemida. Com Viana a literatura cumpre uma de suas funções sociais mais importantes: o prazer e a utilidade. Nas palavras de Warren e Wellek: “Quando uma obra de literatura funciona com sucesso, as duas “notas” de prazer e utilidade não devem meramente coexistir mas fundir-se.” (p. 26).

O olhar implacável do autor sergipano incita-nos a reelaborar uma forma de leitura que, longe de ser melancólica, nos coloca diante da formulação de uma perspectiva de análise que divulgue mais esta verdade citada por Regina Dalcastagnè: “o nosso olhar é construído, nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 9)

Em Viana, cada texto lido consegue elaborar um novo convite para que possamos invadir o universo de sua escrita desafiadora e confirma a nossa certeza de que o corpo estranho, apresentado esteticamente, pode ser um forte aliado no plano cultural, desmistificando valores enraizados e reafirmando a urgência em se ampliar os horizontes para as diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et alli. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Ver e Imaginar o Outro. Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Editora Horizonte, 2008.

- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**; tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 26ª Ed. Editora Vozes. Petrópolis: 2002
- GOMES, Carlos magno. **Os estranhos da família de Lya Luft**. In Interdisciplinar, Itabaiana: EdNul, edição especial, 2006.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- LIMA, Luís Costa. História e Literatura: Três momentos de uma relação. In: **Terra Ignota: A construção de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 213-237
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v.19, n.2(56) – maio/ago. 2008a.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva _ 2. Ed., 3ª reimpressão _ Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1ed.; 1 reimp. _ Belo Horizonte: Autêntica, 2008b
- MAESTRI, Mário. História e Romance Histórico: fronteiras. In: **Novos Rumos**. Ano 17, nº 36, 2002, p.38-44
- PERRONE Moisés, Leyla. **Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VIANA, Antonio Carlos. **O meio do mundo e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.